

AS TEORIAS DO TRABALHO DE CUIDADO ESPELHADAS EM NARRATIVAS DE MULHERES EM *HOME OFFICE*

Cecília da Silva¹

Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta²

RESUMO

A temática do estudo versou sobre o trabalho de cuidado, que se coloca como um fator de extrema importância na vida dos seres humanos. O objetivo do estudo, foi espelhar as teorias de trabalho de cuidado em vivências de algumas mulheres. Para tanto, o estudo utilizou uma pesquisa de campo, que norteou um estudo de ordem qualitativa. A pesquisa ocorreu por meio de entrevistas com dezesseis mulheres, todas moradoras do estado do Rio de Janeiro, as quais estavam em *home office* durante a pandemia de COVID-19. Sendo a análise das narrativas obtidas feita pelo *software* Atlas.ti, que permitiu criar categorias relacionadas com as teorias do trabalho de cuidado, espelhando-as em meio a realidade da rotina dessas mulheres. Adotando-se as categorias: responsabilidade feminina inercial e divisão dicotômica do trabalho. Como conclusão, as narrativas das entrevistadas corroboraram com as teorias do trabalho de cuidado, espelhando a existência da desigualdade entre os gêneros, apontando sobretudo para a responsabilização e subalternidade das mulheres nesse segmento laboral.

Palavras-Chave: Trabalho de cuidado; *home office*; mulheres; divisão sexual do trabalho; Desigualdade.

LAS TEORÍAS DEL TRABAJO DE CUIDADOS SE REFLEJAN EN LAS NARRATIVAS DE LAS MUJERES EN EL *HOME OFFICE*

RESUMEN

El tema del estudio fue el trabajo de cuidados, que es un factor extremadamente importante en la vida de los seres humanos. El objetivo del estudio fue reflejar las teorías del trabajo de cuidados en las experiencias de algunas mujeres. Para ello, se utilizó una investigación de campo, que guió un estudio cualitativo. La investigación se realizó a través de entrevistas con dieciséis mujeres, todas residentes del estado de Río de Janeiro, que trabajaban desde casa durante la pandemia de COVID-19. El análisis de las narrativas obtenidas se realizó mediante el *software* Atlas.ti, que permitió crear categorías relacionadas con las teorías del trabajo de cuidado, reflejándolas en la realidad de la rutina de estas mujeres. Adoptando las categorías:

¹Pós Graduada em Auditoria e Controladoria Financeira e Mestra em Administração. Atualmente é oficial - Força Aérea Brasileira.

² Doutora em Engenharia de Produção – COPPE/UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/ UNIGRANRIO)

responsabilidad femenina inercial y división dicotómica del trabajo. En conclusión, las narrativas de las entrevistadas corroboraron las teorías del trabajo de cuidados, reflejando la existencia de desigualdad entre géneros, apuntando sobre todo a la responsabilidad y subalternidad de las mujeres en este segmento laboral..

Palabras clave: Trabajo de cuidados; *home office*; mujer; división sexual del trabajo; Desigualdad.

THE THEORIES OF CARE WORK MIRRORED IN NARRATIVES OF WOMEN IN HOME OFFICE

ABSTRACT

The theme of the study was about care work, which is an extremely crucial factor in the lives of human beings. The objective of the study was to mirror the theories of care work in the experiences of some women. To this end, the study used field research, which guided a qualitative study. The research took place through interviews with sixteen women, all residents of the state of Rio de Janeiro, who were working from home during the COVID-19 pandemic. The analysis of the narratives obtained was carried out using the Atlas.ti software, which allowed the creation of categories related to the theories of care work, mirroring them in the reality of these women's routine. Adopting the categories: inertial female responsibility and dichotomous division of labor. In conclusion, the interviewees' narratives corroborated the theories of care work, reflecting the existence of inequality between genders, pointing above all to the responsibility and subalternity of women in this work segment.

Keywords: Care work; home office; women; sexual division of labor; Inequality.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O artigo aqui empreendido versa sobre uma pauta extremamente relevante para a preservação do ser humano, que é o trabalho de cuidado, uma ação que permeia um campo vasto e subjetivo, com abrangências em âmbitos distintos, como: ética, gênero, divisão do trabalho, política, legislação, entre outros. Mas, num momento inicial, podemos associar o trabalho de cuidado apenas tendo-o como um sinal de civilização, tomando por base explanação de Margaret Mead (1901-1978). A antropóloga americana relatou para um aluno, numa palestra, que a primeira evidência de civilização se tratava de um fêmur de 15.000 anos calcificado, o qual foi encontrado num sítio arqueológico. Sua explicação para tal evidência, teve por base o entendimento de que quando um animal quebra este osso não consegue cuidar de si mesmo, portanto, se há a sua calcificação, significa que alguém parou para cuidar de um ser debilitado, ajudando-o a sobreviver. Daí entende-se que o cuidado com o próximo significa civilidade. Logo, o trabalho de cuidado se abriga em todos os tipos de relações

humanas em sociedade, como: familiar, profissional, entre conhecidos e desconhecidos etc. Podendo-se, deste modo, dizer que o trabalho de cuidado se trata de uma característica da espécie humana (Byock, 2012).

Dito isto, coloca-se o trabalho de cuidado como uma tendência em potencial de humanidade que habita dentro de cada um de nós. Um potencial que ficou evidenciado no decorrer da pandemia de Covid-19, sobretudo em seu período mais difícil, que foi o ano de 2020. Inclusive, foi em março deste ano que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou oficialmente a pandemia de Covid-19. Neste período da nossa História, as pessoas tiveram que, não só cuidar de si, mas também de seus próximos, como parentes e, até mesmo, conhecidos e desconhecidos. Tratando-se de um período conturbado, que contou com medidas preventivas ao combate à doença. Dentre elas, houve a medida extrema de isolamento social no Brasil, visando manter as pessoas resguardadas em suas casas, adotando-se o fechamento temporário de diferentes organizações, tais como: escolas e escritórios (públicos e privados). Assim, com as pessoas em casa, inclusive algumas trabalhando em *home office*, foi possível perceber a responsabilidade relacional, a qual acaba por comungar com a feminilização do trabalho de cuidado.

De tal maneira, a situação do trabalho de cuidado em meio a pandemia de Covid-19, para ser entendida com maior profundidade, vai ao encontro das teorias acadêmicas acerca do assunto. Tratando-se de uma temática que entrou para o debate na década de 1980 nos Estados Unidos da América (EUA). Momento em que o assunto tomou força junto com a abordagem do feminismo, que explorou tópicos como a divisão sexual do trabalho, o trabalho reprodutivo e a desvalorização do trabalho doméstico, seja com remuneração ou não. Tendo por norte o livro de Carol Gilligan “Uma Voz Diferente” de 1982, que tratou da ética entre os gêneros no âmbito do trabalho de cuidado. Um estudo que impulsionou novas teorias acerca da temática do trabalho de cuidado, tais como as de Joan Tronto e Susan Moller Okin (1946-2004), que correlacionaram questões de teoria política com entendimento da ética do trabalho de cuidado destacado por Gilligan (Gilligan, 2021; Tronto, 2009; Okin, 1989). No Brasil, as teorias de Helena Hirata e Nadya Araújo Guimarães marcam a explanação da temática do trabalho de cuidado (Guimarães e Hirata, 2020).

Sendo o contexto temático do trabalho de cuidado, o cenário que trouxe à tona objetivo do artigo empreendido, que foi: espelhar as teorias do trabalho de cuidado através das narrativas de mulheres em *home office* no auge da pandemia de Covid-19, quando ocorreu o isolamento social no Brasil em 2021. Para isso, adotou-se como procedimento metodológico uma pesquisa de campo, que fez uma incursão na realidade do trabalho de cuidado feito por mulheres no decorrer do isolamento social, as quais encontravam-se em *home office* em 2021 durante a pandemia de Covid-19. Investigação esta, que coletou depoimentos pertinentes a pauta da relação da mulher com o trabalho de cuidado. Estabelecendo-se, portanto, um estudo de ordem metodológica qualitativa (Lakatos e Marconi, 2010).

FEMINILIZAÇÃO DO CUIDADO

O debate acerca do trabalho de cuidado toma impulso com Gilligan (2021), sendo quem o trouxe para a teoria através de uma perspectiva envolvendo a moral feminina. Isso feito através da utilização da denominação voz diferente, que assessorou na constatação da existência de uma distinção entre as perspectivas de moral feminina e masculina, no caso, sendo a perspectiva masculina considerada como voz padrão da moralidade. Atentando-se com base na autora que: “A voz diferente que descrevo é caracterizada não por gênero, mas por tema. A sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é principalmente através das vozes das mulheres que eu traço seu desenvolvimento” (GILLIGAN, 2021, p. 03). Entendendo-se que as perspectivas morais baseiam as decisões, influenciando as noções de justiça nas ordens individual e universal. De tal forma, ao se trazer como foco a perspectiva feminina, comumente relacionada com as mulheres, tida pela autora como voz diferente da moralidade, constata-se especialmente a presença de posturas relacionadas com empatia com o outro e com a manutenção dos relacionamentos, ou seja, com o trabalho de cuidado. Para a autora essas posturas colocam-se moralmente como femininas, sendo, portanto, socialmente e culturalmente inculcadas como natas às mulheres. Logo, para Gilligan (2021), em meio as raízes da cultura patriarcal, o trabalho de cuidado posiciona-se como uma moral feminina. Assim sendo, Gilligan em sua explanação denuncia que o entendimento de moralidade para os homens e as mulheres difere, cabendo neste viés para as mulheres a identificação com o trabalho de cuidado. Podendo-se dizer que a voz masculina e a voz diferente feminina são

balizadas de maneiras distintas para lidar com os problemas morais, sendo que o foco feminino precisa de maior atenção conforme a autora. Isso porque, precisa de maior dedicação por parte das teorias psicológico cognitivas, que exploram o desenvolvimento moral humano, assim como das propostas éticas conexas ao direito.

Posteriormente, Tronto (2009) estabeleceu uma postura crítica ao entendimento de Gilligan (2021), trazendo para a teoria do trabalho de cuidado novas fronteiras, indo além da relacionada com o gênero, inculcando ao contexto a referência à subordinação, explorando questões sociais e políticas. Isso posto, porque o trabalho de cuidado historicamente coloca-se como uma tarefa associada com a subalternidade, que está comumente associada às mulheres, seja no ambiente privado (doméstico e familiar) não remunerado ou no público (doméstico ou não) remunerado. Neste estreito, Tronto (2009) destaca que se trata de uma subalternidade que é perpetuada nas estruturas sociais, inclusive, quando pago, o trabalho de cuidado tem uma má remuneração, o que traz à tona questões políticas e sociais. Além disso, indica, que através do trabalho de cuidado surgem relações entre indivíduos, ocasionada pela proximidade que essa tarefa gera entre os envolvidos, sobretudo em ambiente privado. Colocando, assim, o entendimento de que o trabalho de cuidado estabelece uma rede de interesses e compromentimentos, que resulta numa responsabilidade relacional. De tal forma, Tronto (2009) estabelece a necessidade de se construir uma teoria acerca do trabalho de cuidado, a qual seja de amplitude global, justamente para que haja o entendimento da responsabilidade relacional como algo fundamental para a perpetuação da vida humana. Uma postura global que acaba chamando a atenção para o reconhecimento de privilégios, assim como da empatia intrínseca aos cuidados, sejam eles vitais ou não. Assim, Tronto (2009) estabelece a valorização do trabalho de cuidado e, também, firma-o como uma característica humana, que envolve a civilidade de cuidar do próximo, tal como expresso por Margaret Mead (1901-1978) (Byock, 2012).

Genericamente, nós sugerimos que o care seja considerado como uma atividade genérica que compreenda tudo o que nós fazemos em vista de manter, perpetuar ou reparar nosso 'mundo' de tal maneira que possamos nele viver da melhor forma possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos, bem como nosso meio ambiente, todos os elementos que procuramos estar vinculados por eles complexos que sustentam a vida (Tronto, 2009, p. 126).

Ojá Okin (1989) contribui com o debate trabalho de cuidado ao trazer para a teoria o enraizamento histórico da separação dicotômica na realidade social em meio as esferas dos ambientes público (sociedade) e privado (doméstico), isso feito, na perspectiva do gênero. Inclusive, destaca em sua explanação que há uma ausência de reflexão de gênero nesta dicotomia entre o público e o privado. Para a autora o gênero se coloca como uma maneira de discriminação, tolhendo as mulheres de concretizar as suas aspirações de vida. Sobretudo, destaca a divisão do trabalho com base no sexo, a qual apoia-se na dicotomia entre o público e o privado. Estando os homens voltados para trabalhos na esfera pública, nos contextos financeiro e político. Já as mulheres relacionadas com trabalhos na esfera privada, sobretudo no contexto do trabalho de cuidado, que envolve tarefas com o lar e a família, além disso, têm a responsabilidade da reprodução. Um posicionamento de trabalho enraizado na esfera privada que acaba imprimindo às mulheres uma inadequação para performar na esfera pública. Logo, há uma distinção ideológica, que estabelece uma responsabilização feminina na esfera doméstica e, por conseguinte, um afastamento masculino da responsabilização do trabalho de cuidado. Portanto, a dicotomia, estabelecida pelo gênero, não oferece mesma experiência de vida e responsabilidade para os homens e mulheres, sobretudo no que tange o trabalho de cuidado, que fica a cargo das mulheres. Inclusive, para a autora, o trabalho de cuidado aportado no feminino, na esfera privada, cunha a dominação masculina, sendo o patriarcalismo um limitador das mulheres na vida em sociedade. Conjetura que para ser sanada, segundo Okin (1989), necessita de reformas sociais em prol da igualdade social das mulheres.

Abraçando os estímulos das autoras como Gilligan (2021), Tronto (2009) e Okin (1989), a brasileira Hirata (2022) amplifica o debate, ao trazer para a teoria as desigualdades que permeiam o trabalho de cuidado associado às mulheres. Segundo Hirata (2022), as desigualdades pairam em características comuns entre as pessoas cuidadoras, tais como: mulheres; pobres; negras; e/ou migrantes de regiões desfavorecidas para favorecidas financeiramente (nacionalmente ou internacionalmente). A autora destaca ainda, que as mulheres exercem o trabalho de cuidado há muito tempo, não existindo uma remuneração para tanto, sendo tal performance no espaço privado (doméstico) motivada pela ideologia de gênero que associa tais tarefas a uma obrigação ética das mulheres. Tratando-se de uma

abordagem ética mascarada, já que há um aproveitamento circunstancial da condição de sentimento de amor delas pelos envolvidos no trabalho de cuidado. Isto porque, o peso sentimental, associado ao discurso de ideologia de gênero, faz com que o trabalho de cuidado incida como uma responsabilidade das mulheres. Por conseguinte, tal responsabilização feminina coaduna com o patriarcalismo, fortalecendo a subalternização das mulheres.

Idosos, crianças e adultos são sujeitos acolhidos pelo trabalho de cuidado, estando doentes ou não, ou, até mesmo, quando portadores de algum tipo de deficiência física ou mental. Para a Hirata (2022), o trabalho de cuidado envolve práticas, posturas e valores relacionados com sentimentos, abrangendo o amor, o afeto e a compaixão nas relações subjetivas, assim como se associa com ações do Estado em meio as políticas públicas direcionadas a segmentos da população que se encontram como dependentes de auxílio governamental.

Hirata (2016) também traz à baila o entendimento das profissões relacionadas ao trabalho de cuidado, normalmente exercidas por mulheres, que, com o passar do tempo, passaram a ser inseridas no mercado de trabalho. Para a autora, tal mercantilização do trabalho de cuidado lançou luz sobre esta tarefa quando feita no âmbito privado, então gratuito e invisível. Logo, quando o trabalho de cuidado feminino passou a ser entendido como profissão, abriu-se a possibilidade para homens exercê-lo, havendo formação profissional, salário e ascensão de carreira. Todavia, a profissão do cuidar é observada pela autora como desvalorizada:

A heterogeneidade dos perfis dos care workers entrevistados em nosso estudo “Teoria e prática do cuidado: Comparação Brasil, França e Japão” contrasta com o fato de que, nos três países, trata-se de uma profissão pouco valorizada, com salários relativamente baixos e pouco reconhecimento social. Essa igualdade de condições profissionais, a despeito da desigualdade de perfis e trajetórias desses trabalhadores, parece encontrar sua explicação no próprio cerne da atividade de cuidado, realizado tradicional e gratuitamente na esfera doméstica e familiar pelas mulheres. Essa hipótese, que é formulada pelas teóricas do gênero e do care, foi confirmada por nossa pesquisa (Hirata, 2016, p. 54).

Hirata (2016) coloca que, mesmo existindo a exploração profissional do trabalho de cuidado, podendo ser uma tarefa masculina ou feminina, há uma centralização de mulheres neste tipo de trabalho. Isto dito, quando feitos em organizações (particulares ou públicas) ou no ambiente doméstico (remunerado ou não), são as mulheres que colocam-se como maioria

no exercício da atividade, conforme aferido nos países do estudo (Brasil, França e Japão). O estudo de Hirata (2016) se destaca justamente por demonstrar que, mesmo em países com cultura e hábitos diferentes, a organização social trabalho de cuidado coloca-se como uma atribuição da mulher. Sendo considerado o trabalho de cuidado precário e inferior, quando doméstico, remunerado ou não, é uma tarefa pouco valorizada na sociedade. Atualmente, deve-se adotar, portanto, mobilizações de cunho feministas para estabelecer uma divisão igualitária do trabalho de cuidado, necessitando que políticas públicas sociais e familiares conduzam à harmonização de homens e mulheres na divisão do cuidar, ou seja, na divisão sexual do trabalho. De tal forma, pleiteia-se uma divisão sexual do trabalho em que homens e mulheres sejam cuidadores, tenham em si o exercício da civilidade de cuidar do próximo de maneira igualitária. Sendo que,

O cuidado com os seres dependentes – crianças, idosos, deficientes físicos e mentais, doentes etc. – deve ser tarefa de todos os seres humanos, sem distinção de sexo, na medida em que todos são vulneráveis em algum momento de suas vidas (Hirata, 2016, p. 62).

Assim como Hirata (2022), Guimarães (2016) aponta a influência da cultura do patriarcado na responsabilização das mulheres pelo trabalho de cuidado no âmbito privado, seja remunerado ou não. Guimarães (2016) coloca o tema como emergência social no Brasil, sobretudo pela existência de aumento de postos na esfera trabalho de cuidado domiciliar. Atentando que o crescimento da demanda por profissionais do cuidar, sobretudo em ambiente doméstico, repercutiu como deterioração das condições de trabalho e remuneração. No caso, na conjuntura do trabalho de cuidado remunerado, não só existem as trabalhadoras domésticas, como babás, cuidadoras de idosos e/ou cozinheiras/faxineiras, como também as que exercem atividades em creches, escolas infantis, asilos etc. A autora destaca ainda questões relacionadas com a baixa remuneração de profissionais do cuidado, o que traz o entendimento de subalternidade das tarefas envolvidas. Logo, Guimarães (2016) aponta para a importância do estabelecimento dos direitos profissionais da categoria, respaldados em normatização. Devendo, portanto, existir a devida valorização do trabalho de cuidado segundo a autora, visto que está intrinsecamente relacionado com a perpetuação humana, haja vista a condição de vulnerabilidade que os seres humanos estão sujeitos, posto que em algum momento da vida de todos os indivíduos existirá a necessidade de ser cuidado. Sendo,

portanto, o trabalho de cuidado um campo da saúde coletiva que deve ser aprofundado (Guimarães, 2020).

Inclusive, Guimarães e Hirata (2020) estabeleceram estudo oportuno sobre o trabalho de cuidado no decorrer da pandemia de Covid-19, que foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2020. Tratando-se de um período em que no Brasil algumas medidas preventivas foram adotadas, visando controlar a propagação do vírus. Dentre elas, houve o isolamento social, que ocasionou o fechamento temporário de instituições, como, por exemplo, escolas e escritórios (públicos e privados). Um contexto em que as autoras trouxeram luz sobre a importância do trabalho de cuidado. Já que demonstraram que muitas pessoas se viram com entes debilitados tendo que cuidar deles, o que trouxe a noção da importância e valorização do trabalho de cuidado, o qual está arraigado com a conotação de subalternidade. Outro ponto que destacaram, foi que o trabalho de cuidado no privado ficou restrito, necessitando de uma familiarização da tarefa, ou seja, as mulheres acabaram assumindo a função das suas contratadas para exercer os serviços domésticos. Desta maneira, não podiam contar com faxineiras, babás e acompanhantes de idosos, ou mesmo, ser substituídas por avós ou vizinhas trabalho de cuidado com os familiares. Situação que indicou que há uma perpetuação da desigualdade de gênero no ambiente privado, visto que mulheres substituíram mulheres, ou seja, sem as profissionais e/ou familiares/amigas as mulheres tornaram-se às responsáveis pelo trabalho de cuidado em seus lares e com seus familiares. Portanto, é possível dizer que apesar de parecer haver mudanças no estreito da desigualdade na divisão dicotômica do trabalho, nas conjunturas da vida privada e pública, parece que nada mudou, ficando evidente com a pandemia de Covid-19 que as mulheres ainda são as responsáveis pelo trabalho de cuidado na esfera privada. Demonstrando uma divisão sexual do trabalho que associa as mulheres ao trabalho percebido socialmente como subalternizado, ou seja, sem prestígio social (Guimarães e Hirata, 2020).

MULHERES EM HOME OFFICE

EDurante a pandemia de Covid-19 no Brasil, a medida de isolamento social impediu os empregados de exercer suas funções laborais nos locais de trabalho habituais (escritórios, salas de aula, repartições públicas etc.), pois implicava no fechamento temporário deles.

Como alternativa as instituições permitiram que os empregados exercessem suas funções profissionais em suas residências, trabalhando em home-office.

Quando referido trabalho em *home-office*, deve-se destacar o contexto em que se insere e que é realizado. Sendo em grande parte das vezes efetivado em suas próprias casas, onde esses indivíduos precisam dar conta do trabalho e da casa, ocorrendo na maioria das vezes interferência de problemas familiares que são refletidos no trabalho, destacando as mulheres como maiores prejudicadas, pois as mesmas já enfrentam sobrecargas de atividades a elas postas como inerentes a seu gênero (Souza *et al.*, 2023, p. 11).

Logo, as mulheres passaram a ter a presença do trabalho da esfera pública no contexto da esfera privada, ou seja, em sua vida doméstica. Todavia, devido as mulheres estarem associadas a responsabilidade do trabalho de cuidado, envolvendo as tarefas do lar e com os familiares, viram suas atribuições serem amplificadas, até mesmo, porque todos os integrantes das famílias estavam reclusos em mesma casa (Silva *et al.*, 2020).

Quem mais se beneficia do dispositivo materno das mulheres são os homens. Enquanto elas cuidam deles, por eles e para eles (não só da casa, dos filhos, mas colocando energia pessoal nos projetos deles), os homens podem cuidar e investir sua energia em si mesmos e em seus próprios projetos. Em termos de pedagogia afetiva e processos psicodinâmicos de constituição subjetiva dos homens, trata-se do egocentrismo. Ou seja, no tornar-se homem, o que se aprende é a priorizar sempre os próprios interesses, anseios e desejos. Neste sentido, homens brasileiros têm aprendido muito pouco a cuidar e têm cuidado muito mal (Zanello *et al.*, 2022, p. 2-3).

O trabalho de cuidado, como assistir aos filhos e familiares, incluindo o cônjuge, além de lavar e passar roupa, limpar a casa e cozinhar, somaram-se ao trabalho de ordem pública em home-office. Portanto, ficou difícil desvincular as esferas privada da pública de trabalho durante o período de isolamento social. Incluindo neste contexto o adiamento das aulas online dos filhos, visto que as escolas estavam com o sistema de aulas presenciais suspenso devido a necessidade de isolamento social. Deste modo, a carga de trabalho das mulheres amplificou, afetando-as física e emocionalmente, sobretudo por haver o peso da responsabilidade emocional do cuidar, especialmente no que tange a maternidade (Zanello *et al.*, 2022).

[...] cenário pandêmico, a rede de apoio para o cuidado dos filhos de mulheres, mães trabalhadoras, pode ter sido afetada pelas medidas protetivas ao contágio do novo coronavírus. As mães se veem envoltas em uma situação nova, tendo que se redescobrir para assumir suas duplas ou triplas jornadas. [...] há uma grande probabilidade de sobrecarga a essas mulheres que assumem o cuidado da casa, das atividades profissionais (trabalho formal remunerado), dos filhos (e seus estudos) e de idosos (Silva *et al.*, 2023, p. 4).

De tal forma, como *home office* é um exercício profissional realizado nas residências das trabalhadoras, acabou por juntar num ambiente só as tarefas da esfera pública e privada. Ou seja,

[...] com o cenário pandêmico, a rede de apoio para o cuidado dos filhos de mulheres, mães trabalhadoras, pode ter sido afetada pelas medidas protetivas ao contágio do novo coronavírus. As mães se veem envoltas em uma situação nova, tendo que se redescobrir para assumir suas duplas ou triplas jornadas. [...] há uma grande probabilidade de sobrecarga a essas mulheres que assumem o cuidado da casa, das atividades profissionais (trabalho formal remunerado), dos filhos (e seus estudos) e de idosos (Silva, Carmo e Cappelle, 2023, p. 4).

Sendo assim, as mulheres tiveram que gerir seu tempo em suas residências, para assim conseguir exercer todas as atividades demandadas, sejam profissionais de ordem pública ou de trabalho de cuidado no âmbito doméstico. Sendo assim, o isolamento social na pandemia de Covid-19 colocou um holofote na sobrecarga envolta no trabalho de cuidado feminino, justamente porque as tarefas domésticas são incutidas pela cultura do patriarcado como de responsabilidade feminina. Até quando compartilhadas com os cônjuges, o trabalho de cuidado tem a conotação de responsabilidade superior sobre as mulheres (Silva, Carmo e Cappelle, 2023). Isto porque, “[...] historicamente, são as mulheres as responsáveis pelo cuidado dos lares, dos filhos e por quem está ao seu redor. Por isso, agora vivenciam uma enorme sobrecarga amplificada na pandemia” (Matos e Albuquerque, 2023, p. 45).

Logo, a esfera do trabalho de cuidado pode ser constatada como feminina, isto mesmo na contemporaneidade, posteriormente às reivindicações e conquistas feministas, que corroboraram no decorrer dos dois últimos séculos para a inserção das mulheres nos trabalhos da esfera público. Assim, “[...] mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, elas continuam com as responsabilidades domésticas não remuneradas enfrentando extensa jornada de trabalho” (Matos e Albuquerque, 2023, p. 45).

No contexto da pandemia, o aumento de trabalhos de cuidado não remunerados, com as crianças fora da escola, intensificação das necessidades de cuidados de idosos e membros da família doentes, e sobrecarga de serviços de saúde, já está aprofundando as desigualdades existentes na divisão do trabalho entre os gêneros (Velasco, Pantoja e Oliveira, 2023, p. 7).

Portanto, houve uma sobrecarga de trabalho para as mulheres durante o isolamento social na pandemia de Covid-19, facilitando o surgimento do sofrimento psíquico e transtornos mentais nelas, como, por exemplo, estresse, ansiedade e depressão (Guimarães

Junior *et al.*, 2022). Deste modo, confere-se, por meio do cenário pandêmico das mulheres em *home office*, a necessidade de se estabelecer uma ressignificação da relação familiar no ambiente doméstico, para assim trazer por terra o estereótipo do trabalho de cuidado como responsabilidade feminina (Velasco, Pantoja e Oliveira, 2023).

METODOLOGIA

Para espelhar as teorias do trabalho de cuidado nas expressões de mulheres em *home office* durante a pandemia de Covid-19, o estudo contou com uma pesquisa de campo, que se estabeleceu como de ordem quantitativa (Lakatos; Marconi, 2010). A pesquisa ocorreu através de entrevistas, utilizando, para tanto, a plataforma Google Meet. Havendo o devido consentimento das entrevistadas para gravação e uso dos conteúdos obtidos, conforme a Resolução nº 466 de 2012 (Brasil, 2013).

As entrevistas ocorreram no período entre agosto e setembro de 2021, quando no Brasil ainda havia a medida restritiva de isolamento social. Sendo os conteúdos obtidos com as entrevistas analisados com ajuda do software Atlas.ti, que favoreceu a apuração de dados (Costa e Itelvino, 2018). Havendo um total de 16 mulheres entrevistadas, estando todas em *home office* e sendo moradoras do estado do Rio de Janeiro.

O grupo de entrevistadas foi estabelecido através de uma rede pessoal dos envolvidos na pesquisa, adotando-se uma cadeia de referência, tal como uma modalidade de rede. Uma cadeia de referência nos moldes da técnica amostragem conhecida como snowball (bola de neve), também denominada como snowball sampling (amostragem de bola de neve). Um contexto em que é “[...] mais fácil um membro da população conhecer outro membro do que os pesquisadores identificarem os mesmos, o que se constitui em fator de relevância para as pesquisas que pretendem se aproximar de situações sociais específicas” (Baldin e Munhoz, 2011, p. 51). No quadro 1 destaca-se o perfil sociodemográfico das entrevistadas, identificadas por números para preservar as suas identidades.

Quadro 1: Perfil sociodemográfico das entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Setor de atuação	Filhos	Tempo de atuação	Cargo
1	50-60	Casada	Ensino médio	Público	1	28 anos	Técnica de

2	30-39	Casada	Graduação	Privado	0	5 anos	Contabilidade Analista Financeiro
3	>60	Divorciada	Doutorado	Público	5	31 anos	Professora Titular e Pesquisadora
4	30-39	Casada	Mestrado	Público	1	11 anos	Engenheira de Meio Ambiente
5	40-49	Casada	Doutorado	Público	2	4 anos	Pesquisadora
6	40-49	Casada	Doutorado	Público	1	8 anos	Professora adjunta de físico-química
7	50-60	Divorciada	Especialização	Privado	1	5 anos	Analista de gestão de pessoas
8	30-39	Casada	Especialização	Privado	2	3 anos	Analista Financeiro
9	30-39	Casada	Especialização	Privado	0	13 anos	Assistente administrativo
10	40-49	Casada	Especialização	Privado	1	14 anos	Analista sênior
11	30-39	Casada	Doutorado	Público	2	4 anos	Pesquisadora
12	30-39	Casada	Especialização	Privado	0	3 anos	Analista de RH
13	40-49	Divorciou na pandemia	Especialização	Privado	0	9 anos	Gestora de Contas Corporativas
14	30-39	Casada	Graduação	Privado	1	5 anos	Especialista de Qualidade
15	30-39	Casada	Doutorado	Público	1	4 anos	Pesquisador em propriedade industrial
16	30-39	Casada	Graduação	Público	2	12 anos	Técnica de Operação

Fonte: autoras.

A categorização adotada para espelhar as teorias trabalho de cuidado, toma por base as explanações acerca da feminilização do cuidado por parte de Gilligan (2021), Tronto (2009), Okin (1989), Hirata (2016) e Guimarães (2016). Assim como, leva em conta a realidade do momento de isolamento social no Brasil no período pandêmico. De tal modo, foram eleitas categorias para configurar particularidades sobre a relação do trabalho do cuidado com as mulheres, tratando-se: divisão dicotômica do trabalho e responsabilidade feminina inercial. No quadro 2 apresentam-se os problemas vinculados às categorias eleitas.

Quadro 2: Categorias e problemas

Categorias	Problemas
Responsabilid	As mulheres têm para si como lugar comum a responsabilidade de exercer o trabalho de

ade feminina inercial	cuidado; Existe uma gama de sentimentos (amor, compaixão, culpa etc.) envolvidos no trabalho de cuidado, que induzem as mulheres a tomá-lo como sua responsabilidade.
Divisão dicotômica do trabalho	Conciliação do trabalho da esfera pública com trabalho de cuidado, sobretudo no que tange assistir à família; Ser a mulher a escolha principal para executar o trabalho de cuidado com a família; Falta de valorização do trabalho de cuidado no que se refere as tarefas do lar e familiar, sendo um posicionamento associado à subalternidade; Quando os homens executam as tarefas domésticas há conotação de ajuda e/ou favor, não ficando vinculados ao trabalho de cuidado.

Fonte: autoras.

RESULTADOS

As narrativas encontradas nas entrevistas permitiram uma imersão nas categorias acima explicitadas, explorando como o trabalho de cuidado se estabelece enquanto uma responsabilidade feminina. Sendo os recortes das falas das entrevistadas relacionados com as categorias conforme apresentado nos quadros 3 e 4.

Quadro 3: Categoria responsabilidade feminina inercial

- [...] Meu filho sempre quis que eu ficasse em casa para cuidar dele. Então sobre esse aspecto foi maravilhoso (entrevistada 1).
- [...] Senti-me sobrecarregada e frustrada também de não ter conseguido conciliar o tempo do trabalho e da casa e ter que parar o meu trabalho para ter que fazer isso [tarefas domésticas], enfim, é um sentimento ruim (entrevistada 2).
- [...] É possível que continue em home-office. Eu até prefiro, até por conta do Isaac, posso cuidar de uma série de coisas em favor dele, não a meu favor (entrevistada 1).
- [...] Quando eles [filhos] estão em casa [risos], é alguém que cai, e eu fico preocupada e ouço choro, porque a gente que é mãe conhece o choro da criança, a gente sabe quando está só encrencando por causa de brinquedo ou se machucou. Quando é choro e você sabe que a criança se machucou não tem como ficar aqui no escritório, tipo não vou fazer nada, não tem como, eu vou lá ver o que está acontecendo (entrevistada 5).
- [...] Porque eles [homens] não se sentem responsáveis pela casa, pelo funcionamento da casa. Eu acho que é isso no final. A responsabilidade é minha, eu sei que é na maioria das mulheres (entrevistada 6).
- [...] na maioria das casas, inclusive na minha, quem é responsável pela dinâmica da casa é a mulher, né (entrevistada 6).
- [...] geralmente é a mulher que cuida da parte da casa e para quem tem filho sempre vai pesar mais (entrevistada 9).
- [...] a gente acaba assumindo todas as responsabilidades das crianças, na maioria das vezes acaba em cima da gente. Isso não tem muita escapatória (entrevistada 11).
- [...] A mulher em home-office pensa muitas vezes em função das crianças [filhos]. A mulher pega o home-office em função, querendo conciliar com a rotina dos filhos. (entrevistada 11).

[...] historicamente o cuidado da casa e dos filhos recaí sobre essa mulher (entrevistada 13).

[...] Só depois que comecei a fazer terapia, que passei a me cobrar menos. Porque é impossível, eu queria o tempo todo fazer tudo ao mesmo tempo, mas não dá. Eu poderia ter ficado doente mesmo (entrevistada 14).

[...] Porque a mulher ela acumula a função principal, a responsabilidade é da mãe, mesmo o Marido estando em casa, de manhã sou eu que arrumo tudo, hoje já arrumo a mochila a noite para de manhã não ter que arrumar. Então com certeza a mulher (entrevistada 16).

[...] No início da pandemia eu ficava trabalhando na sala, ela [filha] estava ali, toda hora me pedia alguma coisa, eu ficava mais perto. Se eu me levantasse para beber água, ela falava assim ‘Acabou mamãe?’ o dia inteiro me perguntava, eu morria de pena (entrevistada 16).

[...] Mas o fato de estar mais presente em casa, apesar de ter muita coisa para fazer eu estou aqui, se acontecer alguma coisa (entrevistada 16).

Fonte: autoras.

Quadro 4: Divisão dicotômica do trabalho

[...] Vou intercalando, o arroz está cozinhando, dá para ver se tem algum e-mail e responder alguma coisa do trabalho (entrevistada 1).

[...] Ele [filho] tem mania de quando eu estou falando com o Diretor ficar falando no meu ouvido (entrevistada 1).

Divisão dicotômica do trabalho

[...]. Meu filho reclama muito que eu trabalho demais. [...], eu não consigo administrar isso. Isso sempre foi assim, só piorou na pandemia.” (entrevistada 3).

[...] Inclusive nesse período maio/junho que meu pai teve esse episódio, a gente teve que ir para emergência (entrevistada 4)

[...] Eu só avisava vou ter que sair agora tive uma emergência, e saía. Devido a alimentação, almoço da minha filha, as vezes a gente tenta se organizar para fazer no final de semana, só que as vezes não da. Tenho que fazer rápido, levanto, estando em reunião com fone no celular mesmo, ouvindo a reunião e vou fazendo (entrevistada 4).

[...] quando eu chegava no trabalho eu só estava trabalhando, aqui [casa] eu continuo sendo mãe, sendo esposa, sendo mãe de cachorrinha e as demandas estão em paralelo aqui (entrevistada 4).

[...] problemas também de ansiedade porque as mulheres estão trabalhando e é mãe. Isso fica muito potencializado na mulher, apesar do marido ajudar e tal o filho acaba indo para mãe, involuntariamente (entrevistada 4).

[...] E a gente sabe que a carga maior é sempre da mulher, mesmo dividindo as tarefas, mesmo que o homem faça várias coisas a carga sempre continua sendo da mulher, ainda tem a carga mental (entrevistada 5).

[...] Assim, não vou dizer que meu marido não faz nada, às vezes, cozinha alguma coisa, lava louça se eu protesto muito. Então quem cuida, quem faz as coisas do dia a dia, sou eu (entrevistada 6).

[...] Teve uma vez que no meio da aula [ela é professora], minha mãe grita de lá ‘George [filho], está todo mijado (sic)’ [...], e meu marido estava assistindo televisão, só para você ver o nível das coisas. Aí eu falei assim para os alunos, espera só um pouquinho, 5

- minutinhos parei a aula, fui e resolvi o problema e voltei (entrevistada 6).
- [...] Na verdade, eu fico intercalando, lavo uma louça aqui, lavo um banheiro ali, cuido do meu filho, faço comida. [...] Então os cuidados pessoais e lazer próprio, eu diminuí em detrimento disso, das atividades do trabalho e das tarefas domésticas (entrevistada 6).
- [...] Não tem mais uma separação oficial, estou trabalhando, estou em casa, estou para família, estou com as crianças. Acabou se misturando tudo (entrevistada 7).
- [...] Basicamente nesse período que fiquei sozinha, porque a “ajudante” pegou COVID-19, eu parava um pouco antes do horário do almoço, para fazer o almoço e tentava não agendar reunião nesse Gap, tipo de 11:45 até 14:00, para que eu conseguisse organizar o almoço, lavar louça, deixar tudo pronto para poder retornar (entrevistada 8).
- [...] Por conta que você acaba tendo uma tripla jornada, a maioria dos homens não ajudam muito então você acaba tendo uma tripla jornada (entrevistada 10).
- [...] Toda reunião praticamente ela [filha] interrompe (entrevistada 10).
- [...] Mas já fiz reunião com criança no colo e câmera aberta, e é isso aí (entrevistada 11).
- [...] Estou trabalhando, estou em casa, estou para família, estou com as crianças. Acabou se misturando tudo (entrevistada 11).
- [...] Às vezes até ele [marido] fala “Ah, essa casa não viu uma vassoura, você está o dia todo em casa, essa casa não viu uma vassoura” (entrevistada 12).
- [...] Meu marido até que ajudava, mas acabou que enfim, cultural a mulher acaba fazendo um pouco mais que o homem (entrevistada 14).
- [...] Porque é enlouquecedor eu parava de trabalhar 7:30 h da noite, e ter que colocar ele [filho] para assistir aula online (entrevistada 14).
- [...] Foi muito difícil para mim, eu tenho um filho, ele tinha 6 anos ano passado, ele já tem sete, ele tendo que fazer aula online, eu tendo que fazer almoço, fazer jantar (entrevistada 14).
- [...] as mulheres assumiram papéis de professoras, pessoas com filhos maiores precisaram acompanhar aulas online, ficaram voltadas a isso. Além da sua carga normal de trabalho, elas incorporaram outras cargas de trabalho. Essa carga de trabalho do cuidado e atenção com os filhos que passaram a ficar em casa, do próprio cuidado com a casa (entrevistada 15).
- [...] Não tem como se sentir bem, é uma sensação de desconforto de sobrecarga (entrevistada 15).
- [...] No dia da reunião eu falei para as pessoas, estou aqui acompanhando a reunião, vou desligar o microfone e acompanhei toda reunião com o bebê no colo. Preparo do almoço, preciso parar para fazer o almoço (entrevistada 15).

Fonte: autoras.

Confere-se, na realidade de vida das entrevistadas, que o trabalho de cuidado na esfera da vida privada colocou-se como responsabilidade delas, numa divisão de gênero tal como exposto por Gilligan (2021), Tronto (2009), Okin (1989), Hirata (2016) e Guimarães (2016). De tal forma, com base nas falas das entrevistadas e nestes aportes teóricos, que compreendem o período da década de 1980 até a contemporaneidade, constata-se que,

mesmo em pleno século XXI, a feminilização do trabalho de cuidado é uma realidade perpetuada, que pode ser classificada como uma responsabilidade feminina inercial. Ou seja, as mulheres abraçam a realidade social da responsabilidade do trabalho de cuidar como uma verdade perpétua, conforme o exemplo da fala da entrevistada 6, que disse: “[...] na maioria das casas, inclusive na minha, quem é responsável pela dinâmica da casa é a mulher, né”. Situação perceptível nas falas das demais entrevistadas, as quais deixam visível a cultura do patriarcado que responsabiliza as mulheres na feitura do trabalho de cuidado.

Ainda, conforme as autoras, o trabalho de cuidado possui conotação de subalternidade, havendo uma fala, a da entrevistada 12, que grita em meio as outras, retratando bem esta situação: “[...] essa casa não viu uma vassoura, você está o dia todo em casa, essa casa não viu uma vassoura [dizeres do marido da entrevistada]”. Outro ponto a se destacar, presente na teoria e nas falas, é a retratação da relação de sentimento amoroso envolto no trabalho de cuidar para as mulheres, podendo-se destacar como exemplo a fala da entrevistada 1: “[...] Meu filho sempre quis que eu ficasse em casa para cuidar dele. Então sobre esse aspecto foi maravilhoso”. Em contrapartida, também há os sentimentos negativos como culpa e frustração, que podem ser retratados na fala da entrevistada 2: “[...] Senti-me sobrecarregada e frustrada também de não ter conseguido conciliar o tempo do trabalho e da casa e ter que parar o meu trabalho para ter que fazer isso [tarefas domésticas], enfim, é um sentimento ruim”.

O conjunto das falas coletadas evidenciam o quanto a pandemia de Covid-19, em meio ao isolamento social, destacou a importância do trabalho de cuidado, assim como apontou para o entendimento de que este situa-se como uma responsabilidade feminina. Até porque, nas falas das 16 entrevistadas não ocorreram menções de divisão do trabalho doméstico com os cônjuges, ficando a cargo das mulheres as tarefas da casa e a assistência aos familiares. Destacando-se que, quando apareceu a retratação de tarefa feita por cônjuge, relatada pela entrevistada 6, houve uma conotação de ajuda à mulher, conforme pode ser percebido na fala: “[...] não vou dizer que meu marido não faz nada, às vezes, cozinha alguma coisa, lava louça se eu protesto muito. Então quem cuida, quem faz as coisas do dia a dia, sou eu”.

De certo, o cenário vivido pelas entrevistadas, relacionado com o isolamento social na pandemia de Covid-19, foi palco para chamar a atenção acerca da sobrecarga de trabalho que

as mulheres vivem. O trabalho de cuidado feito por elas, apesar de permear sentimentos nobres voltados à preservação humana, e ao amor aos familiares, destaca sobretudo a desigualdade e, quiçá, a discriminação e depreciação, que as mulheres sofrem na realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo empreendeu uma incursão sobre o trabalho de cuidar, trazendo teorias pertinentes ao tema e permeando a realidade deste em meio a vida de mulheres que trabalharam em *home office* durante o isolamento social na pandemia de Covid-19. Sendo assim, foi possível espelhar as teorias em meio a realidade, indo ao encontro das narrativas das entrevistadas, que demonstraram ser o trabalho de cuidado uma responsabilidade das mulheres ainda no século XXI. Fato que corrobora com um tipo de responsabilidade feminina inercial, que tem o trabalho de cuidado como responsabilidade feminina enquanto uma verdade perpétua, a qual foi cultivada pela cultura do patriarcado. Por conseguinte, tal posicionamento na realidade social perpetua a divisão dicotômica do trabalho, mantendo as mulheres atreladas ao trabalho na esfera privada e os homens na esfera pública. Assim se conclui que as narrativas das entrevistadas comungam com as teorias acerca do trabalho de cuidado, espelhando a desigualdade entre os gêneros, apontando sobretudo para a responsabilização e subalternidade das mulheres nesse segmento laboral.

REFERÊNCIAS

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.B. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Revista de Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande*, v. 27, p. 46-60, jul-dez/2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193/1855>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a Resolução 196. Conselho Nacional de Saúde. *Diário Oficial da União*, 13/06/2013.

BYOCK, Y. *The Best Care Possible: A Physician's Quest to Transform Care Through the End of Life*. New York: Gale, 2012. Disponível em: <<http://acdc2007.free.fr/byock2012.pdf>>. Acesso 02 agosto 2023.

COSTA, P.R.; ITELVINO, L.S. Operacionalizando o Método da Grounded Theory nas Pesquisas em Estratégia: Técnicas e Procedimentos de Análise com Apoio do Software Atlas/TI. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, v. 17, n. 3, p. 17-40, 2018.

GILLIGAN, C. *Uma voz diferente: Teoria psicológica e o desenvolvimento feminino*. São Paulo: Editora vozes, 2021.

GUIMARÃES JUNIOR, S.D.; SOUZA, I.C.A.; NUNES, D.S.N.; LORENTZ, A.R.K.B. Efeitos da pandemia de Covid-19 nos modos de vida e trabalho de mulheres brasileiras: interseccionalidades, desafios e urgências. *Revista Trabalho (En)Cena*, v. 7, p. 2-26, nov/2022.

GUIMARÃES, N.A.; HIRATA, H. *O Gênero do Cuidado: desigualdades, significações e identidades*. São Paulo: Atêlie Editorial; 2020.

GUIMARÃES, N.A. Casa mercado, amor e trabalho, natureza e profissão: controvérsias sobre o processo de mercantilização do trabalho de cuidado. *Cadernos Pagu*, v. 46, p. 107-128, jan-abr/2016.

GUIMARÃES, N.A. *O Gênero do Cuidado: Desigualdades, Significações e Identidades*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

HIRATA, H. *O Cuidado: Teorias e Práticas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

HIRATA, H. O Trabalho de Cuidado: Comparando Brasil, França e Japão. *SUR 24*, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, R.A.; ALBUQUERQUE, C.S. Questão social, divisão sexual do trabalho e saúde mental na pandemia. *R. Katál.*, v. 26, n. 1, p. 43-53, jan./abr. 2023.

OKIN, S.M. *Justice, Gender and the Family*. New York: Basic Books, 1989.

SILVA, C.A.; CARMO, G.; CAPPELLE, M.C.A. Mães em *home office*: O desafio do trabalho e o cuidado dos filhos durante a pandemia da Covid-19. *Revista de Administração Sociedade e Inovação - RASI*, v. 9, n. 2, pp. 1-15, Mai./Ago. 2023.

SILVA, J.M.S.; CARDOSO, V.C.; ABREU, K.E.; SILVA, L.S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Feminismos*, v. 8, n. 3, p. 149-161, set-dez/2020.

SOUZA, C.H.L.; OLIVEIRA, S.V.P.; SANTOS, M.E.R.; SILVA, L.A.; CARNEIRO, L.Q.; LIMA, V.L.C. Impactos sobre a saúde mental dos trabalhadores postos em *home-office* com o advento da pandemia de Covid-19. *Revista de Casos e Consultoria*, v. 13, n. 1, p. 2-18, 2023.

TRONTO, J.C. *Un monde vulnerable*. Pour une politique du care. Avant-propos de Liane Mozère. Préface inédite de l'auteure. Trad. par Hervé Maury. Paris: Découverte, 2009.

VELASCO, S.M.V.; PANTOJA, M.J.; OLIVEIRA, M.A.M. Qualidade de Vida no Teletrabalho Compulsório no Contexto da Covid-19: Percepções entre os Gêneros em Organizações Públicas. *Administração Pública e Gestão Social*, v. 15, n. 1, p. 2-17, 2023.

ZANELLO, V.; ANTLOGA, C.; PFEIFFER-FLORES, E.; RICHWIN, I.F. Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 2, p. 1-12, 2022.

Submetido em 07/08/2024
Aprovado em 30/09/2024